



Estética e Musicoterapia: O Gosto e o Prazer a Música no Cotidiano¹

Alexandre Pereira da Fonseca²

Tobias Arruda Queiroz³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

Resumo

Com o objetivo de analisar a música e suas relações, este ensaio acadêmico tem como abordagem a produção de sentidos construídos através de sua recepção, da influência adquirida e do próprio gosto, sendo condicionado ou não. O trabalho ainda coloca em evidência a situação do mercado fonográfico, apresenta uma visão estética concentrada no meio musical e discute as consequências do “ouvir música” diretamente no corpo humano, buscando promover o conhecimento da prática terapêutica realizada mediante produções musicais. Como resultados, debate o encontro com o anseio de tratar a música como um produto cultural, que desperta sociabilidade, afetos, cria vínculos, gerando discussões e promovendo representatividade na sociedade. Para tanto, foram observadas matérias de jornais e de televisão, entre os anos de 2009 e 2013.

Palavras-chave: Música; Estética; Semiótica; Recepção; Musicoterapia.

Considerações iniciais

Exercendo papel fundamental no funcionamento da sociedade, sendo a emissária de aspectos que absorvem ou expõem emoções vindas do prazer, que, por sua vez, é obtido quando pela mediação da audição humana, a música se tornou uma expressão da vida. É uma arte que costuma narrar o tempo e o espaço, descrevendo situações, desejos, trazendo conforto e por que não dizer, esperanças. Possuidora de características legítimas enquanto arte, a música, ainda assim, está sujeita a ser recepcionada como um objeto apenas de manipulação, seja essa, negativa ou positiva. Neste trabalho, buscamos historicizar a música antes e a música hoje a partir de sua ação para a interação e socia-

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015. ² Aluno de Comunicação Social, do 6º período de Jornalismo, graduando na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. ³ Mestre em Comunicação pela UFRN, com especialização em mídia, música e jornalismo cultural.



bilidade e afetos, desde a percepção até a forma como ela nos afeta na execução de atividades simples ou em momentos intensos e mesmo, analisando sua influência cognitiva nos seres humanos, suas reações e compreensão de conceitos e experiências sobre a vida e a crítica social.

Compactado em dois subtópicos específicos, o artigo parte da relação entre a estética e a música com enfoque na musicoterapia, analisando-a de por intermédio também, da semiótica, em suas últimas linhas. O trabalho foi elaborado com o auxílio de pesquisas em plataformas alternadas, por fim, devidamente referenciadas e toma como objetivo, tentar manter uma ligação coerente entre os tópicos e o que pretendem defender: o sentido do escutar e o prazer do recepcionar.

Música como mídia social: origens e transições

Socialmente, a música condiciona e gera inevitáveis ações e opiniões, movimenta a economia, promove discussões, provoca sentidos e necessidades para com os seres humanos que associam momentos memoráveis aos seus ritmos, letras e harmonias. Compreende-se música como uma combinação de elementos que, juntos, geram sons, ritmos e que carregam uma simbologia, por vezes, despreziosa, apenas com o maior objetivo de entreter, mas também ocasionando movimentos de caráter políticos. Pois a identificação ideológica com o público alvo está, além da intencionalidade do artista que pode não ter essa preocupação, presente na relação que se estabelece com estilos musicais e na adoção de letras como emblema de um tempo ou um movimento.

A música é a arte vinda do silêncio, que sempre existiu como uma produção cultural e que especula-se ter surgido há mais de 50.000 anos atrás, quando, acredita-se que as primeiras manifestações tenham sido feitas no continente africano. Influenciada diretamente pela organização sociocultural e econômica local, possui ainda a capacidade estética de traduzir os sentimentos, atitudes e valores culturais de um povo ou nação. A música é uma linguagem local e global (LINDOMAR, 2006). Nos tempos antigos, a reprodução musical tinha um apreço diferenciado, realidade desfalcada de um mercado fonográfico ainda inexistente, que se estendia no contexto em que os primitivos viviam de hábitos simbólicos, com uma expressão musical mais vigente no que se refere aos cerimoniais; cautelosos e sempre muito bem articulados diante da



relação de eventos como um nascimento, uma morte, conquistas ou mesmo derrotas. A música de uma nação era sustentada por parâmetros singulares, pertencente a um povo.

Embora abdique de um extenso campo teórico científico e técnico, o meio musical hoje está distante de estudos ligados a estética, valorizada em tempos de cerimoniais¹. Hoje, estudar estética na comunicação já se torna um desafio, pelo conhecimento filosófico que é atribuído às vastas leituras que encontram suportes de análises no cotidiano, ainda que seja categoricamente certo afirmar que estudar a própria estética na música não fugirá de seus objetivos mais leais, afinal, estética continuará investigando a arte, consciências e o belo.

A estética pode ser conceituada como “a sensibilidade”: um vínculo criado por Alexander Baumgarten, filósofo alemão que resolveu estudar as relações do gosto, o gostar de algo como um entendimento das qualidades artísticas daquela obra. Sensibilidade que tem por base a percepção individual de que qualquer produção artística cultural precisa de um público em definição. Desta forma, a música necessita da estética para permanecer alvo do interesse da crítica.

Luís Mauro Sá Martino, mestre em Ciências Sociais, escritor do livro “Estética da Comunicação”, discute o valor da linguagem e da compreensão da estética contemporânea, ressaltando o significado que uma mensagem possa exercer sobre uma arte, que por sua vez, vai circular o tempo todo no espaço social e fazer com que o indivíduo se aproprie e se defina com elas e através delas (MARTINO, 2007). No meio musical, essas mensagens circulam sempre que uma nova música é exposta, afetando todo o seu contexto social. Platão, considerado pioneiro na observação de outro aspecto que une a linguagem ao sentido de percepção musical, estudou as propriedades do gosto, e levantou discussões sobre a estética ser disseminada como a maneira de enxergar a arte, bem como a recepção de uma produção do gênero, por seu público.

O modelo frankfurtiano de estudo da mídia propôs, a partir da década de 40, que se tomasse a produção musical massiva por seus aspectos de Indústria Cultural, fazendo com que se estabelecesse uma distância entre a alta cultura e cultura de massas, sem reconhecer o apelo da cultura popular.

Atualmente, essa distância mudou. Hoje vivemos uma época de efervescência da cultura periférica. O funk, por exemplo, é um gênero que tem seu espaço global ainda pouco atribuído, justamente pela linguagem e contexto social em que nasceu. O que não

¹ Mesmo havendo falta de estudos específicos na época.



altera o fato de diversas classes terem empatia pelo ritmo, na mesma proporção em que o próprio uso desta linguagem, de suas palavras, pode causar estranhamento. No contemporâneo, a percepção de gosto mudou. O consumo e as práticas culturais se tornaram parte da percepção da estética. A música se torna algo próximo de uma estética da vida, do cotidiano, levando em consideração a capacidade de alcance das mídias em tempos de internet.

Se a estética clássica era vista como um consenso geral do que é belo, uma opinião majoritária, hoje a ideia de apreciação da qualidade de uma obra de arte mudou. Trazendo isso para música não podemos deixar de lado que um dos maiores consensos da estética musical atual é a simplicidade, não se pode medir uma música pela quantidade de notas tocadas, embora esse movimento já tenha existido. Uma música é medida pela influência que exerce na vida de alguém (RIBEIRO, 2009). E os estudos da música se tornam um campo de análise disposto a investigar os sentidos de uma produção cultural bem nivelada para atingir públicos específicos. Compreendendo que não existe uma padronização no gostar, mas, existem muitos signos associados aos modos de vida das pessoas, que impulsionam uma identificação e que fazem da música quase uma extensão da identidade. Dessa forma, procuramos compreender as emoções, ideias e juízos que são despertados ao se observar uma obra de arte (SANTANA, 2006).

Música, sociabilidade e afeto

O corpo se ajusta flexivelmente a música, que conseqüentemente, afeta-o em diversos lugares de maneiras diferentes, com elementos distintos, causando emoções e reações das mais imprevisíveis. A música consegue muito bem afetar a mente e ao corpo, de certa forma, pois existem levantamentos preocupados em pontuar que todo e qualquer ato de ligação, identificação e afins, é mera imaginação e que somos condicionados involuntariamente a gostar de algo que nunca conhecemos, diante mão de fatores exponencialmente potenciais.

De acordo com Tavares:

Somos os seres vivos com mais alto poder de pensamento racional, maior capacidade associativa, que domina a fala articulada. Para nós, o conceito de ser influenciado por um som, que é algo abstrato e efêmero, que só existe no tempo e na nossa imaginação, pode parecer estranho. Temos a clara noção de gostar ou não gostar de uma música e isso pode nos levar a pensar que esta escolha baseada no gosto

pessoal é a única influência que a música pode ter sobre nós. Se eu não gosto de uma música, ela não vai me afetar (TAVARES, 2002, p. 16).

Reagindo como esperado ou não, o corpo é afetado e diferente da imaginação posta em observação, não se prevê o tipo de música que provocará uma situação específica. A razão do gosto condicionar a falta de previsão está diretamente apontada como os prazeres naturais que descobrimos durante todo o processo de experiências na vida. Algo fora de controle e que nem sempre pertence a uma imaginação avulsa e sim, a um método inexplicável, o simples gostar. “A alma desfruta de prazeres, como aqueles extraídos do fundo de sua própria existência, outros que resultam de sua união com o corpo e (...) baseados em certos hábitos” (MONTESQUIEU, 2005, p. 11).

O gosto, “que nada mais é senão a vantagem de descobrir com sutileza e presteza a medida do prazer que cada coisa deve dar às pessoas” (MONTESQUIEU, 2005, p. 12). Nem tão condicionado e nem tão fora de controle.

Esteticamente, é uma mistura inusitada, não há motivos para separar o gostar natural da própria imaginação, pois, quando uma conexão está em evidência, da imaginação ela se utiliza para colocar em posição cada memória vinculada. A música, assim como outras manifestações culturais e artísticas, é capaz de despertar sentimentos e reviver lembranças. É um universo de significados, representações e percepções distintas, tornando possível afirmar que cada pessoa a perceberá de um modo diferente. Esse tipo de arte aciona diversas áreas do cérebro humano, podendo ainda induzir atos, pensamentos e emoções. Pode-se afirmar que a atividade musical envolve quase todas as regiões do cérebro e os subsistemas neurais (OCTAVIANO, 2010). E como cada movimento musical ou quase todos, como apontado, pode ser extraído destes comandos cerebrais, as relações são detalhadas diante das consequências físicas e mentais que variam, da influência que uma arte cultural pode gerar, até os sentimentos que nascem do contato e das vibrações que se recebe.

A idealização de uma música, pode ser sentida como uma expressão da alma que define o ser humano e o reloca ao mais “longínquo universo”, causando sentimentos e sensações indescritíveis aos músculos corporais, rompendo barreiras emocionais e provocando tanto náuseas como nostalgias. “Transporta” quem quer que seja e que de maneira semelhante à enxerga e a aceite, para outra “dimensão”, em que tudo, cada lembrança é revivida e compartilhada através de seus pensamentos.



Costuma sempre ir mais além, por penetrar nas memórias das pessoas. Mas, como tudo não são flores e nem encarados como uma realidade alternativa, estamos diante de um mercado preocupado em lucrar em grande parte dos casos e esquecendo de todos esses aspectos que tanto instigam musicalmente um ser humano.

A indústria fonográfica é uma ilusão quanto à distribuição de mídia sonora, logo suas produções passam por um questionamento bem apropriado, de fato, são produtos, feitos com requisitos básicos para vendas e meramente comerciais. Se uma música ou um artista recriar, implantar ou apresentar novos elementos ao seu trabalho, no mínimo se deduz um resultado catastrófico nos sites contadores e nas paradas mundiais. Os mais ousados e independentes já possuem um caminho certo e não é no topo das listas. Infelizmente, a necessidade de gerar algo clichê, refrãos que fiquem na cabeça e letras fáceis (ou simplesmente aceitáveis), são o ponto alto. Como não podemos generalizar, enquanto isso, facetas e mais facetas são criadas para mascarar todas as desigualdades artísticas mundo afora. E é uma ilusão, por não representar mais o que tanto a estética oferece com seus meios analíticos, de um recepcionamento musical que possa nascer de um contexto perfeito, ou quase isso, e que é simbolizada com um forte apreço por parte dos ouvintes. Escutada com um prazer partido da alma.

Atualmente, os artistas classificados como excêntricos, precisam se adaptar às “normas” e construir sua arte com elementos para chamar atenção daqueles que nunca se importaram. Óbvio que quanto mais público, mais visibilidade, de toda maneira, como já presenciado, existem deles que estão dispostos a perder a essência de sua arte, no intuito de serem reconhecidos. Muito se tem e pouco se valoriza. E como se não bastasse a influência do mercado nas opiniões e tendências, o próprio, cria termos para qualificar trabalhos, ao mesmo tempo que desqualifica outros. Levantamentos semelhantes são feitos em todos os tipos de artes e mídias, porém, musicalmente, a proposta foge do sentido de análise de seu significado, do que costuma retratar, para o que está e não está apto em impulsionar vendas.

As atribuições em qualificar o que é bom e o que não é, pelo e não através do público, tornaram-se cada vez mais conhecidas por qualquer adorador de música e que geralmente não precisa ter sequer o mínimo de conhecimento sobre estética ou mesmo ter estudado cientificamente a conjunção das harmonias, letras, ritmos e sons. Eis que também considerada o maior objetivo já traçado na veiculação de qualquer mídia surge à identificação. Uma espécie de prisão que conecta o ouvinte a uma estranha sensação de lembrança ao ter a música exposta aos seus ouvidos. Uma definição própria do gosto,



que liga os indivíduos a uma coisa por meio do sentimento e que não impede que ele possa aplicar-se a essas coisas, pelo intelecto (MONTESQUIEU, 2005), que gera um tom parecido com as postulações do Charles Darwin, naturalista britânico e cientista, que se interessou em estudar a evolução da raça humana em diversos fenômenos e períodos. Foi o mesmo que postulou sobre a música, referindo-se a ela como causadora da evolução do estigma e apetite sexual. Oliver Wolf Sacks, neurologista, concorda na dominância da arte, enquanto aos seres humanos e ainda, não se sente totalmente de acordo no levantamento desses estigmas. Entretanto, é uma realidade variável essa de atribuir. É muito usada, às vezes sem consciência. Não é recente a percepção de que já existe costumes em ouvir música para fazer incontáveis atividades, relaxar ou apenas se divertir. Como relata Sacks,

a música está presente em todas as culturas e apresenta, nos seres humanos, aspectos únicos que não têm paralelo na linguagem. Falo do ritmo, do fato de respondermos à música com movimentos. Nenhum outro animal faz isso. É preciso ver o ritmo como algo primordial na evolução humana. Porque todos os seres humanos respondem a ele. A música une as pessoas (SACKS, 2007).

E essa união retrata um caminho tomado pela popularização que a musicalidade trouxe em todas as suas melodias, partituras, linguagens e interpretações musicais. Estudar a música técnica é um passo a fim de conhecer todos esses aspectos, que se tornaram cruciais para o uso da musicoterapia, atualmente considerada uma disciplina de graduação em bacharelado e que existe em apenas algumas cidades do Brasil. Estudo que ainda é pouco explorado e que de maneira lenta, está sendo implantado com a função de ajudar pessoas, física e mentalmente, através de terapias baseadas em mediações musicais.

No ponto em que se chega, é preciso ser condizente com a relação que uma produção de arte possa exercer na ajuda de estímulos antes inviabilizados por um ser vivo. A musicoterapia é uma ferramenta pouca utilizada, tanto pela falta de exposições, como pela falta de procura. Sabendo que em casos específicos, um terapeuta pode ser um profissional da área e nunca ao menos ter percebido que o modo como usa a música em prol da saúde dos outros (ou de si próprio), de fato é a musicoterapia em ação. Como aconteceu no caso do musicoterapeuta Cláudio Vinicius Fores Fialho, que concedeu entrevista a uma matéria veiculada no “Fantástico”, no penúltimo domingo de 2013, dia 22. Louco para tocar tarol, caixa, mas o maestro da banda não permitia. Foi então para o



trompete e a corneta e sem se dar conta, deu fim à bronquite. Percebendo a cura muito tempo depois (FIALHO, 2013). Anos mais tarde, se tornou um musicoterapeuta de fato.

A intervenção da música na terapia é tida como um processo destinado a facilitar e extrair uma comunicação entre as partes, criar relacionamentos, oferecer alto controle contra a timidez e gerar resultados, considerados surpreendentes nas expressões e aprendizados de adultos, crianças, idosos e não menos importante, gestantes. Atinge principalmente o stress e causa um estado de relaxamento contra graves doenças que podem criar uma série de situações no mínimo, estranhas, para qualquer pessoa, não importando idade, nem muito menos a doença ou o trauma. Ajuda também no autismo, no déficit de atenção, na asma, na gagueira, na depressão, na paralisia cerebral, em fisioterapias, no combate a dores internas e externas, atingindo o cérebro diretamente no sistema límbico, responsável pelo prazer e até mesmo em alergias de peles, nascidas de situações emocionalmente desgastantes, segundo consta no “Guia do Estudante”, da “Editora Abril”.

É notório, em primeiro contato, uma certa dúvida quanto ao método, visto que música é algo presente diariamente em nossas vidas e estamos acostumados a fazer algo sempre escutando-a. A diferença se dá pela complexidade do uso, da maneira como são ministradas as terapias e em que casos, dependendo também, do nível, são aplicadas. Em abordagem feita pelo programa jornalístico da Rede Globo, o “Globo Repórter”, em 2009, com matéria conduzida pelo jornalista Marcos Uchôa e com a musicoterapeuta Marly Chagas, pontos importantes são mostrados, chegando até mesmo a frisar que o cantor Michael Jackson, morto em junho do mesmo ano, poderia ter usado sua própria música para se manter saudável.

Há um esclarecimento em relação aos benefícios que uma música pode proporcionar, podendo ser usada de maneira eficaz, no combate a desconfortos musculares (CHAGAS, 2009). Com a interação, adeptos da prática afirmam que transcendem suas próprias convicções e que se sentem aliviados em relação às dores crônicas. Ocorre que uma produção de novos sentidos surge para confortar dos mais velhos aos mais novos, tanto que crianças recém nascidas que precisaram permanecer na UTI neonatal, quando em contato com as terapias musicais, reagiram internamente mais rápido, ocorrendo uma diminuição de 4 a 10 dias, no tempo de internação (CHAGAS, 2009). As canções de ninar exercem esse poder e diferentemente da aplicação comum, essa atividade é realizada na hora, na tendência de criar uma relação de momento, extremamente abstrata como qualquer outra sensação que vingará.



Os resultados gerados são aceitos como um sistema de cura em continuidade, que aproveita as identificações absorvidas pelos pacientes e cria ambientes sonoros, que não se limitam aos hospitais, invadindo positivamente, empresas e locais atentos em promover a reabilitação de dependentes químicos, de oferecer entendimento mental adequado para portadores do vírus da AIDS e a reintegração social de menores infratores, também de acordo com o site “Guia do Estudante”, da “Editora Abril”. É uma profissão pouca oferecida, registrada na CBO (Classificação Brasileira de Ocupações) em meados de fevereiro de 2013 e inicialmente, não muito bem remunerada. Possui vários campos de especializações e é necessário ao menos entender de linguagem musical, o que se julga, devidamente, aos interessados que ingressam nesse ramo, realmente amantes, tanto de música, quanto de ajudar a quem necessita.

No entanto, a preocupação maior é de levantar e colocar em exposição o que o tratamento através da música pode obter em relação à vida humana, da assistência social que se tem com esse tipo de movimentação e das consequências geradas no escutar de uma música, ou apenas, de vivenciá-la como parte da rotina diária, para criar hábitos eficazes contra os nocivos, combatendo até mesmo, o uso de remédios, diminuindo a dependência gerada por diagnósticos hoje, considerados ultrapassados e que, estão em muito menos evidência, por apenas existir outras maneiras.

A música é consumida em muitas instâncias e contextos diferenciados, em festas populares, em bares e diversos outros lugares, vendo o modo como ela pode fazer com que o indivíduo reaja, é um objetivo ao certo, de cada levantamento. Embora, sejamos totalmente contra o uso indevido, inadequado, o que não pode ser controlado, mas, pode ser ignorado. No entanto, é preciso ressaltar o uso da música em atividades diárias e não se pode deixar de pontuar que seu uso no ato de dirigir, por exemplo, é cronicamente irregular, ao contrário, do possível uso da mesma, para a concentração nos estudos ou em atividades domésticas, o que é meramente oportuno. Sendo multidisciplinar, sua expansão é favoravelmente esperada, assim como a da própria musicoterapia, visto que separada ou em conjunto, é um equilíbrio para a saúde e que pode ser implantada também, na elaboração de atividades educativas.

Pertencente a várias gerações, a música nem sempre esteve rodeada de relações que influenciavam a capacidade da autocrítica no próprio segmento. Escutar música apenas por escutar, não se estende como uma ação, senão superficial e incorporada em uma realidade que a compra. “A música foi se tornando algo a ser contemplado ao invés de ser feito” (IAZZETTA, 2012, p.11). O que permite tornar como flácido, o carácter



musical vigente como um todo. É notável que toda a estrutura musical, produtores e compositores estejam sendo levados em consideração com mais estima do que já fora, não contrariando a metáfora de que melhor que o livro, só o autor deste.

Nesse impulso, as próprias relações criadas entre uma sociedade cultural que leva um gênero em questão como evidência, está mais sujeita a receber outros gêneros que ainda assim, possam criar novas relações, que não se mantenham tão superficiais. Segundo Iazzetta (2012),

[...] Escutar não se resume necessariamente a uma atitude passiva de recepção de algo feito por alguém. Quando não há mais a ação de se fazer música, escutar torna-se uma ação diferenciada em si mesma, que implica em escolhas, bem como no desenvolvimento e exercício de certos conhecimentos críticos em relação à música. (IAZZETTA, 2012, p. 13).

No fim das contas, esses conhecimentos vão proporcionar ideais que levam a se perceber a importância no segmento musical no mundo contemporâneo, pra romper a colocação de que música está sendo feita com uma especificidade única e passá-la a mostrar como arte, seja estética ou apenas, no socorro saudável. E se, por acaso, estereótipos se mantiverem inclusos, que venham a identificar cada cena musical², separada e principalmente em união, como passível de misturas que possam trazer o alento crítico, mas também, a vivência, através da música.

Ter a escolha de se envolver em várias dessas cenas, é o primeiro passo pra perceber que a música pode te transportar para diversos lugares, pois, em um determinado lugar em que o rock predomina, pode significar a maior das identificações sociais jamais vividas por alguém, que possivelmente passará então a consumir, não no sentido capitalista da palavra. Um gênero pode fazer com que a interpretação individual una muitos indivíduos, nunca habituados com certos tipos de músicas e que passem a presenciá-las e incluí-las em seu contexto social. Tais interpretações podem ser bem aguçadas com uma análise semiótica, que estuda os signos de diversos objetos em busca de compreensão da natureza de seus significados e da comunicação exposta.

E é nesse processo, que encaixamos a semiótica, que utiliza a música com a função de destrinchar sua história, sua complexidade, cada linha escrita, a melodia, uma

² De acordo com o estudador Will Straw: “Cena” é um elemento em uma série lexical que inclui “subcultura”, “tribo” e outras unidades sociais/culturais nas quais se supõe que a música exista.



harmonia lenta, um arranjo mais aguçado, um sopro, um grito, um laiá laiá. Cada elemento que possa significar e representar a mensagem que a arte, produção musical, queira passar. Ela lida com os conceitos, com ideias, estuda como estes mecanismos de significação se processam natural e culturalmente na sociedade (SANTANA, 2006). Usa dos signos que denota, para revelar os motivos categóricos que cada experiência oriunda da música possa exercer, sendo apenas de reflexão, ou de separação com o próprio tempo, saindo do aqui e do agora, e escutando-a como um elemento cultural que revela a verdadeira fantasia que se tem, quando em contato.

Constrói uma variedade alternativa de recepções, no qual a linguagem, o conhecimento, a autocrítica, estão refletidas. Permitindo criar momentos, que ressalvem todo e qualquer sentimento que possa manifestar-se, como representante de cada memória que renasce na repetição da música, não importando, hora nem lugar. De fato, permite a decodificação, o entendimento da obra.

É também, a semiótica juntamente com a estética que provocarão significados, que vão definir uma produção musical, sua forma e sentido, emoções, etc. A música é um fenômeno que pode e deve ser apreciado por nenhum outro motivo além da admiração de suas qualidades musicais (MARTINEZ, 1992).

Considerações finais

A música como é uma parte de nossas vidas, de maneira mais incisiva, genuína e que as dialéticas, os paradigmas, por intermédio da análise da musicoterapia, podem ser colocados em um rumo de recepção positiva, na qual a interação, comunicação, gerada através de produções culturais artísticas, com mensagens ou não, vindas desse meio, possam permitir que os seres humanos vejam o quanto de uma obra pode se extrair o ato de cura, por meio de terapias.

Portanto, é preciso ter consciência do que a música representa na e para a sociedade, do que suas notas são embaladas, da estética que carrega, dos novos horizontes que podem eclodir com ela, das expectativas que se criam, das atitudes que se tomam, da força que se extrai e não que precise parecer clichê, nem o próprio mercado que tanto parece, de fato não é, por ser tão extenso. Amplitude consagrada em se oferecer aos ouvidos daqueles que procuram apenas escutar. Finalizando com as frases de efeitos: que a música seja apenas música e que possamos apenas celebrar, sendo o que precise ser.



Referências bibliográficas

- GUIA DO ESTUDANTE. **Musicoterapia**. Disponível em:
<<http://guiadoestudante.abril.com.br/profissoes/saude/musicoterapia-687248.shtml>>
Acesso em: 3 jan. 2014.
- HEADBANGERBR. **Os efeitos da música sobre a mente e o corpo**. Disponível em:
<<http://headbangerbr.wordpress.com/tag/os-efeitos-da-musica-sobre-o-corpo-humano/>>
Acesso em: 12 jan. 2014.
- IAZZETTA, Fernando. **Da escuta mediada à escuta criativa**. São Paulo: UFBA, vol. 10, nº 1, 2012.
- JUNIOR, Jeder Janotti. **Will Straw e a importância da ideia de cenas musicais nos estudos de música e comunicação**. Ecompós, mai. 2012. Entrevista a Will Straw.
- LINDOMAR, Professor. **História da Música**. Disponível em: <
<http://www.infoescola.com/musica/historia-da-musica/>> Acesso em: 27 nov. 2013.
- MARTINEZ, José Luiz. **Música, semiótica musical e a classificação das ciências de Charles Sanders Peirce**. São Paulo: OPUS, nº 6, 1992.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Estética da Comunicação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- REDE GLOBO. Fantástico. **Médicos enxergam resultado de musicoterapia no combate à dor**. Disponível em:
<<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/12/medicos-enxergam-resultado-de-musicoterapia-no-combate-dor.html>> Acesso em: 10 dez. 2013.
- REDE GLOBO. Globo Repórter. **Música é usada para aliviar dores mais agudas**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globoreporter/0,,MUL1387068-16619,00-MUSICA+E+USADA+PARA+ALIVIAR+DORES+MAIS+AGUDAS.html>> Acesso em: 13 jan. 2014.
- RIBEIRO, Alfredo. **Estética Musical**. Disponível em:
<<http://alfredoribeiro.wordpress.com/2009/12/08/estetica-musical/>> Acesso em: 28 dez. 2013.
- RISM. **O que é semiótica da música?** Disponível em:
<<http://www.pucsp.br/~cos/rism/oqesemus.htm>> Acesso em: 27 jan. 2014.
- SACKS, Oliver. **Música domina o cérebro humano**. Disponível em: <
<http://blogdofavre.ig.com.br/2007/09/musica-domina-o-cerebro-humano-diz-neurologista/>> Acesso em: 12 jan. 2014.
- SANTANA, Ana Lucia. **Estética**. Disponível em: <
<http://www.infoescola.com/artes/estetica/>> Acesso em: 29 nov. 2013.